

# Os riscos da crise sem controle

Quando a crise atinge o seu clímax, surgem os agitadores. E o gravíssimo risco que o País está correndo, diante dos olhos parados do povo, estarecido com o que está acontecendo em Brasília. O povo não entende a situação nacional: desmontou-se uma ditadura, apararam-se as arestas que poderiam haver do lado das Forças Armadas, elegeu-se Tancredo e o vice-presidente que ele escolheu como seu companheiro de missão, depois renovou-se o Congresso com função constituinte simultânea e temporária, tudo para fazer regressar o País no regime democrático, restaurar o Estado de Direito e queimar o chamado lixo autoritário.

Chegou-se a avistar uma primavera no horizonte. Muita gente viu flores desabrochando, crianças sorrindo, jovens dançando. Tudo teria sido fácil, porém, se todos estivessem empurrando a canoa para a frente.

Todavia, a verdade está aí, dolorosa e cruel. A crise é da maior

abrangência, na potência mais elevada, abrangendo todos os setores da vida nacional. Ninguém pode trabalhar, assim, nos altos escalões da República que têm a responsabilidade da administração. Não há cabeça fria para fazer coisa alguma: e lá embaixo o povo virou simples espectador. Ninguém trabalha também, esperando ver o que vai acontecer.

Cumpra ao Presidente, e mais a ninguém, a responsabilidade de corrigir a crise, responder à pergunta do povo e não deixar que o seu Governo continue praticando os erros mais comezinhos de política. Parece que os ministros que cuidam destes assuntos, ou os assessores a que o Presidente ouve, são aprendizes ou iconoclastas. Esqueça o Presidente, por enquanto, qual será o regime de Governo que a Constituinte quer estabelecer, de quantos anos será o mandato do Presidente da República, esqueça tudo porque um perigo mais alto se ergue que é o da sobrevivência das ins-

tuições. Os agitadores estão à espreita.

Por favor, não deixe o Presidente que o aconselhem mal. O Brasil não tem mais tempo para isso. Se não tivesse ele nomeado o sr. Joaquim Francisco, e depois o sr. João Alves, para substituir um homem solidão do PMDB, que era o sr. Costa Couto, não teria havido problemas com a Sudene, nem com o Arraes, nem com o senador Marco Maciel. A crise talvez não tivesse espocado, teria havido tempo para os achegos necessários a livrar o País do substitutivo II do sr. Bernardo Cabral. Pois todos sabem que se a Sudene for do PMDB e o ministro do PFL, ou vice-versa, vai haver gosto de sangue na boca dos pernambucanos.

Este, Presidente, é só um exemplo. E o seu Governo está cheio deles. Fomentadores de crises, que se sucederão se o Presidente não assumir a chefia com decisão. Nos momentos de crise, é preciso centralizar, não titubear jamais. Ou desistir.